



DOI: <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2025v13id5500>

A RETÓRICA DA INTRANSIGÊNCIA NA VERSÃO BIBLIOPOLÍTICA: O DISCURSO DO JORNAL FOLHA UNIVERSAL DURANTE AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2022

The rhetoric of intransigence in a bible-political version: the speech in the newspaper
Folha Universal during the 2022 presidential elections

La retórica de la intransigencia en su versión bibliopolítica: el discurso del jornal Folha
Universal durante las elecciones presidenciales de 2022

Valdemar Figueredo Filho¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2740-3630>

E-mail: valdemarff43@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo consiste na análise de discurso dos dados obtidos através de monitoramentos das opiniões políticas publicadas no jornal Folha Universal, semanário oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), durante o segundo semestre de 2022, no contexto eleitoral. O jornal Folha Universal utilizou sistematicamente a retórica da intransigência na versão bibliopolítica, aliando-se ao neoconservadorismo da extrema direita brasileira. Utilizamos como referencial teórico a concepção de retórica reacionária conceitualizada por Albert Hirschman. Por essa clivagem, analisamos como a IURD em período eleitoral canaliza suas ofertas de representação política através de uma agenda moral plasmada numa linguagem violenta, não obstante, religiosa.

Palavras-chave: jornal Folha Universal; eleições 2022; neoconservadorismo.

¹ Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.



Abstract: The purpose of this article is to carry out an analysis of the discourse based on the examination of the political opinions published in the weekly newspaper Folha Universal, the official newspaper of the Universal Church of the Kingdom of God (Igreja Universal do Reino de Deus -IURD), during the second semester of 2022, in the context of the presidential elections. Folha Universal systematically used the rhetoric of intransigence in a bible-political version, allying itself with the neoconservatism of the Brazilian far right. As a theoretical framework we used Albert Hirschman's concept of reactionary rhetoric. Through this cleavage we analyzed how, during the electoral period, the IURD channels its offers of political representation by means of a moral agenda shaped by violent, yet religious language.

Keywords: folha Universal Newspaper; brazilian elections 2022; neoconservatism.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar discursivamente los datos obtenidos mediante el seguimiento de las opiniones políticas publicadas en el periódico Folha Universal, el semanario oficial de la Iglesia Universal del Reino de Dios (IURD), durante el segundo semestre de 2022, en el contexto de las elecciones. El periódico Folha Universal utilizó sistemáticamente la retórica de la intransigencia en su versión bibliopolítica, aliándose con el neoconservadurismo de la extrema derecha brasileña. Utilizamos como marco teórico el concepto de retórica reaccionaria de Albert Hirschman. A través de esta perspectiva, analizamos cómo la IURD canaliza sus ofertas de representación política durante las elecciones mediante una agenda moral configurada en un lenguaje violento, aunque religioso.

Palabras clave: jornal Folha Universal; elecciones brasileña 2022; neoconservadorismo.



1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo consiste na análise de discurso dos dados obtidos através de monitoramentos das opiniões políticas publicadas no jornal Folha Universal, semanário oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), durante o segundo semestre de 2022, no contexto eleitoral. O jornal Folha Universal utilizou sistematicamente a retórica da intransigência na versão bibliopolítica, aliando-se ao neoconservadorismo da extrema direita brasileira.

Os exemplares do jornal Folha Universal analisados foram obtidos na sede estadual da IURD no estado do Rio de Janeiro durante os cultos. A chamada Catedral Mundial da Fé fica situada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, bairro de Del Castilho. Durante os cultos, no momento das entregas das ofertas, os fiéis adquirem os exemplares. No discurso durante os cultos, o jornal Folha Universal é apresentado como um instrumento de evangelização e os fiéis devem distribuí-lo gratuitamente para tornar os feitos da IURD conhecidos. As versões on-line foram posteriormente consultadas e constam como registro acessível ao longo deste artigo.

O Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (Brasil, 2021) aprovou a Resolução nº 23.674/2021 que disciplinou o Calendário Eleitoral de 2022. As eleições foram marcadas para o dia 2 de outubro e o segundo turno ficou agendado para o dia 30 de outubro. A Campanha eleitoral oficial começou no dia 16 de agosto, sendo que o horário eleitoral no rádio e na televisão só foi iniciado no dia 26 de agosto (TSE, 2022).

Diante desses prazos e agenda do TSE, monitoramos o jornal Folha Universal (Folha Universal, 2022), entre agosto e dezembro de 2022 a fim de responder a três questões básicas: a) como articularam o discurso político durante o período eleitoral?; b) qual é a retórica bíblica utilizada na chave do pragmatismo eleitoral?; c) como a IURD demarcou o seu posicionamento oficial durante o período eleitoral? A pesquisa não contempla as movimentações políticas pós-eleitorais no sentido de formação de base política do governo eleito.

Enquanto hipótese, concebemos que a IURD compôs a base política do governo Bolsonaro e chegou às eleições de 2022 disposta a renovar essa aliança. Havia certa expectativa quanto ao comportamento do grupo levando em consideração as últimas eleições em que se mostrou eleitoralmente pragmática. Oscila de acordo com os seus interesses e privilegia nas eleições as formações de bancadas legislativas. Contudo, sustentamos a hipótese que assim como em 2018, nas eleições de 2022, a IURD apoiou formalmente a candidatura do Jair Bolsonaro (PL) à Presidência da República, reiterando a onda reacionária (neoconservadora) no país.

Quanto à procedência do termo bibliopolítica, por ocasião do Colóquio Identidade Nacional, religião e Expressões Culturais: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil realizado em Paris em 1985 pela *Maison des Sciences de l'Homme*, Emory Elliot referiu-se ao conceito de bibliopolítica. Ele considerou a década de 1970 nos Estados Unidos como um tempo de revivificação religiosa com amplas implicações políticas. Tendo os trabalhos de Robert N. Bellah (1992) como importante referência, pontuou quanto os americanos continuavam a aderir a um conjunto de símbolos e mitos nacionais advindos do texto bíblico. Em sua tese de doutoramento, publicada em 1975, Emory Elliot



discorreu sobre o poder político e imaginário da retórica e das imagens dos sermões na Nova Inglaterra puritana (Elliot, 1988, p. 113-139).

Portanto, numa definição breve da retórica bibliopolítica, trata-se de discursos bíblicos proferidos para as inserções políticas; uso de determinado imaginário religioso para fins eleitorais; discurso moral plasmado em fraseados bíblicos; transformação do púlpito da igreja em palanque e redes de comunicação em comitês partidários.

Utilizamos como referencial teórico a concepção de retórica reacionária conceitualizada por Albert Hirschman. As tentativas progressistas de promoção de bem-estar social sofrem reações na linha das teses da perversidade, futilidade e ameaça. Retóricas recorrentes desses embates: os projetos de ampliação dos direitos políticos provocarão efeitos perversos, as tentativas de elaboração de programas sociais para distribuição de renda serão fúteis e as experiências de aperfeiçoamento da democracia ameaçarão crenças enraizadas da maioria cristã. O trabalho de Albert Hirschman foi realizado no contexto do triunfo do neoliberalismo/neoconservadorismo nos Estados Unidos, e parte da Europa, em meados da década de 1980 (Hirschman, 1992).

Hirschman (1992), naturalmente, não estava tratando da realidade brasileira, muito menos das questões propriamente religiosas. Contudo, a onda reacionária que ele descreveu com acuidade parece ter similaridades com o que ocorreu no Brasil durante os períodos eleitorais de 2018 e 2022. As similaridades são contundentes na forma como grupos políticos canalizam suas forças através de uma agenda moral plasmada numa linguagem violenta, não obstante, religiosa.

A propósito, a clássica contribuição de Marshall (1967) aponta para a democracia em progressão. Em poucas palavras, o esquema de Marshall consiste fundamentalmente no argumento que o pleno uso da cidadania só ocorre quando os direitos civis, políticos e sociais são promovidos e garantidos. A não existência de um desses direitos compromete a democracia e neutraliza a cidadania. Chega-se a essa conclusão, a partir da história (Marshall, 1967).

Hirschman (1992) mostra o seu desconforto com o esquema montado por Marshall (1967) na discussão da cidadania. A crítica de Hirschman a Marshall consiste no fato de ele ter ignorado as ondas reacionárias que por certo comprometeram as concepções e conquistas de cidadania. Neste sentido, segundo Hirschman (1992), Marshall erra pelo simplismo de conceber uma história de caráter somatório, de olhar ingenuamente para o progresso da cidadania ao longo dos séculos, como a vencer etapa por etapa até chegar a bom termo. De fato, Hirschman desconfia do otimismo de Marshall. Nesse debate, forja três teses reacionárias que caracteriza como retórica da intransigência.

Tratando-se da democracia no Brasil, ela tem percorrido caminhos tortuosos. Essa é a conclusão a que Carvalho (2001) chegou após se deter na história do Brasil aplicando o esquema de Marshall (1967). Faz-se notar também o argumento de Hirschman (1992) no trabalho de Carvalho (2001): adverte que a história da democracia (cidadania, direitos humanos, participação, grupos identitários) não se dá pela ideia do acúmulo ou soma. Para cada ação dita "progressiva", é razoável admitir que houve, historicamente falando, reações reacionárias (Carvalho, 2001).



O pleno uso da cidadania só ocorre quando os direitos civis, políticos e sociais são garantidos. A não existência de um desses direitos compromete a democracia e neutraliza a cidadania. Carvalho (2001) sugere “testar” a democracia brasileira usando o esquema de Marshall. Logo, a ideia de democracia em progressão, de conquistas parciais, estará presente na leitura histórica feita pelo autor. Com a admissão expressa da possibilidade do movimento no sentido do retrocesso democrático, da perda das conquistas emancipatórias da cidadania e do recuo civilizatório no que se refere à promoção dos Direitos Humanos.

O que Marshall (1967) chamou de investidas progressistas serve de referência a Hirschman (1992) para referir-se às três teses Reativo-Reacionárias. Adverte para a existência de fissuras nas construções do modelo democrático em diversos contextos. Ou seja, Hirschman (1992) não vê apenas os avanços na consolidação da democracia, vê também retrocessos, lacunas, fissuras e desvios.

Conforme revela Carvalho (2001), sua investida para “testar” a democracia brasileira usando o esquema de Marshall (1967), com o contraponto das três teses Reativo-Reacionárias mencionadas por Hirschman (1992), ocorreu em pleno contexto da redemocratização. Sem dúvida, o símbolo mais contundente deste período foi a aprovação da Constituição de 1988, nomeada como Constituição Cidadã.

Quanto a nossa perspectiva teórica, investigaremos, a partir da Sociologia, a democracia brasileira, tendo no esquema de Marshall (1967) um importante pano de fundo, na crítica de Hirschman (1992) uma necessária ponderação que se constitui como referência e na aplicação dos conceitos feita por Carvalho (2001) uma diferença fundamental. Enquanto Carvalho realizou a sua pesquisa no âmbito do período da redemocratização em que a palavra “cidadania” havia, em termos dele, “caído na boca do povo”, esta pesquisa será realizada num período político em que autores importantes investigam a possibilidade de estarmos vivendo um refluxo da democracia com acentuadas ameaças aos direitos humanos, civis, sociais e políticos (Almeida, 2018; Avritzer, 2020; Boito Junior, 2021; Casara, 2018; Lacerda, 2019; Miguel, 2018; Nicolau, 2020; Santos, 2017; Singer, 2021, 2022).

Com o respaldo do referencial teórico pretendemos acompanhar a evolução dos fatos e analisá-los à luz dos conceitos e da literatura acadêmica pertinentes.

2 ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS E A IURD

Jairo Nicolau testou uma ideia muito recorrente sobre eleições presidenciais no Brasil com o intuito de debruçar-se sobre os resultados das eleições de 2018. Para vencer as eleições presidenciais, tradicionalmente, o candidato teria que reunir três condições: “muito dinheiro para financiar a sua campanha, dispor de um tempo razoável no horário de propaganda eleitoral e construir uma rede de apoios nos estados, preferencialmente naqueles com maior população” (Nicolau, 2020, p. 19).

Nas eleições de 2018, o que causou estranheza foi constatar que Bolsonaro supostamente não contou com grande soma de dinheiro, não dispôs de tempo significativo de propaganda eleitoral gratuita e muito menos articulou uma rede de apoios potente nos estados. A vitória de Bolsonaro, conforme ocorreu, desafiou os



analistas a desenvolverem novas reflexões sobre eleições para presidente no Brasil. Não se tratou de ignorar as tradicionais variáveis, mas de acrescentar outras tão importantes quanto as mais usuais nas pesquisas.

A nova legislação eleitoral, Lei 13.165/2015 (Brasil, 2015) trouxe algumas mudanças para o pleito de 2018: prazo mínimo de filiação partidária foi reduzido de um ano para seis meses; o período oficial de campanha e do horário eleitoral gratuito foi reduzido de noventa para quarenta e cinco dias e a propaganda gratuita no rádio e na televisão passou de quarenta e cinco para trinta e cinco dias; fim de financiamento por empresas e efetivado o fundo público para o financiamento das campanhas eleitorais (TSE, 2020).

Sem querer sugerir que a religião foi a variável mais importante das eleições presidenciais de 2018, destacamos um dado que chama atenção: Bolsonaro obteve cerca de 70% dos votos entre os evangélicos no segundo turno. Considerando que nas últimas décadas os censos registram a refração do número de católicos e o crescimento das pessoas que se declaram evangélicas, a grande adesão dos evangélicos à candidatura do Bolsonaro trouxe resultados sensíveis. Sem exagerar a análise e afirmar que a variável religiosa determinou o resultado da eleição, mas também não deixar de sublinhar que “não é exagero dizer que a mobilização dos evangélicos foi um dos fatores determinantes para a vitória de Bolsonaro” (Nicolau, 2020, p. 78).

Antes de aprofundarmos as questões relativas ao monitoramento das eleições de 2022, convém uma visão panorâmica de como a IURD se comportou nas últimas eleições para a Presidência da República. Olhando em perspectiva comparativa, podemos demonstrar o que dissemos anteriormente: a Igreja Universal adota eleitoralmente um comportamento pragmático em que os seus interesses objetivos se sobrepõem as suas preferências ideológicas circunstanciais. Vejamos essas proposições representadas no quadro.

Tabela 1 – IURD nas campanhas presidenciais

Eleições	Apoio	Destaque
1989	Fernando Collor (PRN) ²	Lula demonizado
1994	Fernando Henrique Cardoso (PSDB) ³	Lula demonizado
1998	Neutralidade	Eleito FHC, bancada da IURD na oposição
2002	Anthony Garotinho (PSB) ⁴	Apoio à candidatura Lula - segundo turno
2006	Luís Inácio Lula da Silva (PT) ⁵	Aliança institucionalizada entre PT e PRB
2010	Dilma Rousseff (PT)	Aliança institucionalizada entre PT e PRB
2014	Neutralidade	Aliança institucionalizada entre PT e PRB
2018	Jair Bolsonaro (PSL) ⁶	Alinhamento com o neoconservadorismo
2022	Jair Bolsonaro (PL) ⁷	Alinhamento com o neoconservadorismo

Fonte: elaboração própria

² Partido da Reconstrução Nacional (PRN)

³ Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)

⁴ Partido Socialista Brasileiro (PSB)

⁵ Partido dos Trabalhadores (PT)

⁶ Partido Social Liberal (PSL)

⁷ Partido Liberal (PL)



Especificamente, sobre as eleições de 1989, 1994, 1998 e 2002, já havíamos reunido material e publicado em trabalhos anteriores. A montagem do quadro em tela consistiu em atualizar alguns dados. Sobre as eleições de 2006, 2010 e 2014, a aliança entre os governos do PT e a IURD se deu de forma institucional através do Partido Republicano Brasileiro (PRB). Criado e oficializado pelo TSE em 2005 tendo por nome Partido Municipalista Renovador (PMR), teve o nome alterado em 2006. José Alencar (PRB-MG) foi eleito como vice-presidente da República pelo PRB na chapa do então presidente Lula. Feito notável para o partido Republicano que disputava a sua primeira eleição (Primeira [...], 2006). Dessa forma foi superada a anomalia de uma composição de chapa para concorrer às eleições entre um partido político e uma igreja. O PRB foi oficializado pelo TSE em 2005 e em 2019 mudou o nome, passou a se chamar REPUBLICANOS, sem o uso da sigla (PRB [...], 2019).

Nas eleições de 2014, tratando-se da disputa pela Presidência da República, a IURD, embora o PRB fizesse parte da coligação da chapa da candidatura da Dilma (PT), manteve-se neutra. Ou seja, não utilizou os seus recursos midiáticos ou emitiu notas oficiais sinalizando apoio a Dilma. Preferiu trabalhar para a formação de bancadas legislativas (Paula, 2021, p. 66).

Os estudos seminais sobre os evangélicos na política reservam um espaço significativo para registrar e analisar as articulações da IURD nas eleições presidenciais a partir da redemocratização na década de 1980. A IURD figura como um caso emblemático do emergir dos evangélicos nos pleitos da Nova República (Freston, 1993; Mariano, 1999; Oro, 2003; Pierucci; Prandi, 1996).

Merece especial destaque o trabalho levado a cabo por Ari Pedro Oro, André Corten e Jean-Pierre Dozon. Organizaram um conjunto de ensaios sobre a IURD numa perspectiva panorâmica, comparativa. A igreja se lança numa empreitada missionária com a pretensão ao universalismo? Seriam os novos conquistadores da fé? O suposto sucesso obtido no Brasil guarda alguma semelhança com a IURD em outros países? Cada ensaio aborda um contexto cultural. O que fica decerto comprovado é que a IURD não é um fato restrito ao campo religioso (Oro; Corten; Dozon, 2003).

Na área de estudo da comunicação, Behs (2009) examinou o semanário Folha Universal com o objetivo de observar as estratégias discursivas da IURD nas eleições de 2006 e 2008. Tratou-se respectivamente das performances do então candidato bispo/senador Marcelo Crivella nas disputas ao governo do Estado e posteriormente à Prefeitura do Rio de Janeiro (Behs, 2009).

Nas áreas de sociologia da religião e sociologia política, Paula (2021) investigou como a IURD atuou discursivamente nas eleições de 2018 através da Folha Universal para endossar a candidatura do então candidato Jair Bolsonaro. Ficou demonstrado na pesquisa que, através das páginas do seu semanário oficial, a IURD vocalizou o discurso do Novo Conservadorismo Brasileiro com narrativas claramente voltadas para promover os seus candidatos. Os editores do jornal aderiram mais à linguagem publicitária do que a jornalística. Optaram sistematicamente pela propaganda política. O pesquisador analisou as edições do jornal Folha Universal que foram publicadas durante o período de campanha eleitoral estabelecido pelo TSE, entre os dias 16 de agosto e 28 de outubro de



2018 (Paula, 2021, p. 43-70). Ainda sobre a Folha Universal durante o pleito de 2018, a linha editorial ganhou contornos de folhetim de comitê eleitoral sob a alegação de moralidade pública encarnada supostamente pela candidatura do Bolsonaro (Paula, 2022).

Sobre o discurso da IURD através do periódico Folha Universal durante as eleições de 2018 e a ascensão de Bolsonaro, Fabrício Roberto Costa Oliveira e Cáio César Nogueira Martins empreenderam esforços de pesquisa com o objetivo de fazer uma apurada análise de discurso. Para tanto, analisaram os editoriais e as reportagens da Folha Universal em que o tema eleitoral estava em questão. Muitas similaridades com a metodologia que estamos adotando para a composição deste artigo. De certa forma, o trabalho publicado por Oliveira e Martins (2021) nos ajuda a estabelecer comparações sobre o comportamento editorial do semanário da IURD durante as eleições de 2018 e 2022. Em ambos os pleitos, a IURD apoiou a candidatura de Bolsonaro. Enquanto nas eleições de 2022 o apoio foi explícito no sentido de demonizar a candidatura do Lula e estabelecer certo messianismo político para legitimar a reeleição do Bolsonaro, nas eleições de 2018, segundo as conclusões de Oliveira e Martins (2021), o apoio não aconteceu com reiteradas qualificações ou desqualificações dos candidatos, mas com o discurso de acabar com a velha política. Os jargões da campanha de Bolsonaro foram evocados na versão do discurso do medo. Enquanto a candidatura do Bolsonaro defendia os valores da família tradicional, a outra (Lula/Haddad), supostamente, os ameaçava; enquanto a candidatura de direita defendia a necessidade de se afastar do comunismo e se posicionava como conservadora, a candidatura de esquerda era identificada como defensora das minorias que reivindicavam inclusão e ampliação de direitos utilizando como premissa o pluralismo social (Oliveira; Martins, 2021).

3 DISCURSO POLÍTICO DA FOLHA UNIVERSAL DURANTE O PERÍODO ELEITORAL DE 2022

Dada a sua abrangência e o seu aspecto de órgão oficial da IURD, o jornal Folha Universal não pode ser ignorado como impresso que evoca a retórica bibliopolítica com pretensões eleitorais pragmáticas. No levantamento que realizamos para situar o estado da arte em que as inserções políticas da IURD são registradas através da Folha Universal, concluímos que tal abordagem é ainda insipiente, mas conta com alguns registros recentes pertinentes.

A força da retórica da intransigência se fez sentir contundentemente nas eleições brasileiras de 2018 e 2022. Sem generalizar, é perceptível que numerosos e expressivos grupos cristãos no Brasil estão envolvidos com a onda reacionária e são extremamente resistentes à ideia de Direitos Humanos. Alguns assumiram retóricas com fraseados bíblicos para demonizar a esquerda. Durante as campanhas para a Presidência da República em 2018 e 2022, o então candidato Jair Bolsonaro se apresentou como um liberal na economia e um conservador nos costumes. Ao mesmo tempo, sinalizou para setores das igrejas evangélicas que o governo seria intransigente na defesa da alegada família cristã tradicional.



Através do monitoramento das edições do jornal Folha Universal durante o segundo semestre de 2022, podemos constatar a retórica da intransigência se consubstanciando em *slogans* eleitorais? Ou seja, o refluxo democrático estaria confundido com as tais ondas reacionárias. Esquemáticamente, vamos relacionar os editoriais e artigos da Folha Universal as três teses Reativo-Reacionária. Qualquer tentativa de elaborar um sistema classificatório para alocar os discursos é passível de questionamento. Não temos a pretensão da precisão ou de chegar próximo a uma taxonomia, apenas confirmar o argumento central de que estamos diante de uma modalidade do esquema das três teses Reativo-Reacionárias.

3.1 Tese da Perversidade

Embora não discursar abertamente contra as teses consideradas progressistas, porque não querem ser tidos como reacionários, os proponentes da tese da perversidade assumem um tom de cautela e presteza frente à tentativa de avanços da cidadania. Diríamos que esta tese procura sempre adiar os avanços, conter o ímpeto dos “revolucionários”, imobilizar os partidários das mudanças com prognósticos sombrios (Hirschman, 1992, p. 18).

O editorial “Vinde, bendito de meu pai” funcionou como ato inaugural da campanha eleitoral da igreja. Além do caráter religioso, o artigo escrito pelo bispo Edir Macedo tem um flagrante “ato de fala” com propósitos eleitorais. Abordou a parábola contada por Jesus (Mateus 25.31-34) em que o pastor aparta as ovelhas dos bodes. As ovelhas seriam postas à sua direita e recepcionadas como benditas. Enquanto os bodes, empurrados para a esquerda e tratados como malditos (Macedo, 2022).

“Quem é a verdadeira facção?” Entrevistado por um programa de rádio em Minas Gerais, o candidato Lula foi indagado quanto à sua rejeição entre os evangélicos. O presidencialista respondeu que não seria candidato de facção religiosa. O editorial propugna que Lula e os seus eleitores sempre desprezaram os evangélicos e a corrupção sistêmica do seu governo os coloca na real condição de facção criminosa (Quem [...], 2022).

“Alguém ainda acredita em pesquisa eleitoral?” Os editorialistas insistem em afirmar que existem muitos interesses em jogo para que a esquerda comunista volte ao poder. Segundo o articulista, a primeira variante que os leitores do jornal Folha Universal precisam entender é que estamos perante uma guerra de narrativas. As indicações dos órgãos de pesquisa destoaram tanto dos resultados das urnas não por acaso ou imprevistos fortuitos, mas por questões deliberadas. Por esse raciocínio, o jogo eleitoral passa pela guerra de narrativas com o propósito de influenciar no pleito (Farias, 2022a).

“Escolha: o poder do eleitor”. Segundo o editorialista, infelizmente muitos fazem escolhas açodados pelos desejos. Precipitações motivadas por falsas promessas. Na edição que saiu no dia do segundo turno das eleições (30/10/22), exatamente no dia do pleito, flexibilizou a análise e enfatizou a responsabilidade pessoal (Escolha, 2022).

“Os dois brasis”. O editorial sugere que o país está dividido entre duas ideologias, duas formas de governar. Os esquerdistas ganharam a eleição para a presidência por



uma margem apertada e a polarização vai continuar. Os petistas terão muitas dificuldades para implantar as suas pautas esquerdistas. Segundo o editorialista, a direita saiu fortalecida das eleições e o Congresso Nacional será majoritariamente conservador (Os dois [...], 2022).

"Perdeu, mané!" Em Nova York, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, foi abordado na rua por um brasileiro com insinuações de fraudes nas eleições. De forma lacônica, o Barroso declarou: "Perdeu, mané! Não amola!" A questão postulada no editorial: a suspeita do cidadão de roubo nas eleições presidenciais jamais poderia ser respondida de forma jocosa e agressiva por um ministro da alta corte da justiça (Lampert, 2022).

3.2 Tese da Futilidade

Os que dela fazem uso observam os esforços dos agentes de mudanças para que a sociedade seja alterada em direção à cidadania. Dizem que as mudanças propostas são de natureza cosméticas, elementares, de fachada. A incessante busca por mudanças sociais antes de afirmar a "Lei do Movimento, afirma a Lei do Não-Movimento" (Hirschman, 1992, p. 43).

"O que as eleições em países vizinhos têm a ensinar?" O que o órgão oficial recomenda em termos de voto nas eleições que se avizinham: não votar nos candidatos da esquerda. A imagem que serve de ilustração da matéria de duas páginas traz estampada um muro no reboco, com tijolos a vista, tendo quatro bandeiras fixadas, como se o muro fosse um mural. Respectivamente, constam as bandeiras da Argentina, Chile, Colômbia e Nicarágua. A "redação" sugere que haveria uma conexão do PT e do Lula com esses governos de esquerda que mergulharam os seus respectivos países em crises econômicas e sociais (O que as eleições [...], 2022).

"Mentiras em cadeia nacional". Fica evidente para os leitores que o candidato do PT é o inimigo a ser vencido nas eleições. Lula teria proferido em entrevista ao Jornal Nacional falácias para conseguir voltar a ter poder sobre os cofres públicos. Segundo o posicionamento oficial do jornal Folha Universal, Lula usa a estratégia de vender sonhos e criar expectativas irreais fazendo uso do desalento do povo (Mentiras [...], 2022).

"Perplexos, mas não desanimados". Em torno de 60 milhões de eleitores determinaram a vitória do Lula e algo em torno de 58 milhões optaram pelo Bolsonaro. Resultado apertado. Tendo por referência o discurso oficial dos editoriais, na guerra do bem contra o mal, o mal prevaleceu? De forma categórica, os editorialistas nos últimos meses leram a Bíblia a favor do candidato Bolsonaro e contra o candidato Lula. Insinuaram que um representava o reino da luz e o outro o reino das trevas. O pragmatismo político expresso em *slogans* sentimentalistas. A linguagem do editorial do jornal Folha Universal nesta edição destoou completamente das anteriores (Perplexos [...], 2022).

"O novo congresso brasileiro". O objetivo da articulista foi afirmar que caberá ao Congresso Nacional fiscalizar o Poder Executivo. O Poder Legislativo afirmou nas eleições sua tendência para o espectro político de direita. Os senadores e deputados federais eleitos, majoritariamente, estão comprometidos com a agenda conservadora. Caberão



aos cristãos constante vigilância e capacidade de mobilização para influenciar o Poder Legislativo (Klaiber, 2022).

“O arrependimento dos americanos com a esquerda”. O cenário eleitoral estadunidense recente revela algo sobre a situação brasileira? Nas eleições legislativas realizadas no dia 08 de novembro de 2022, o Partido Republicano demonstrou força e sinalizou que vai disputar a Presidência da República em 2024 com o alegado favoritismo. Segundo o articulista, os americanos demonstraram arrependimento em ter elegido Joe Biden do Partido Democrata. A realidade brasileira estaria espelhada na polarização ideológica norte-americana (Farias, 2022b).

“Os ideais feministas estão ameaçados”? Com o novo Código Civil que passou a vigorar em 2022, a adoção do sobrenome do cônjuge passou a ser opcional. Para a articulista, haveria certo patrulhamento hipócrita das feministas que depreciam as mulheres que optam por adotar o sobrenome do marido após o casamento (Cury, 2022)⁸.

3.3 Tese da Ameaça

As propostas de mudança devem considerar os riscos de pôr a perder conquistas anteriores. As mudanças anunciam mais custos do que benefícios. Os passos à frente podem de fato representar grandes retrocessos. Importa conservar o que se tem de ganho social, do que propriamente focar nas mudanças e elas acarretarem perdas. Se funciona a ameaça, o presente é marcado pelo imobilismo (Hirschman, 1992, p. 75).

“O Estado é laico, o voto não”. O eleitor cristão teria uma bússola moral que orientaria as suas escolhas e isso em nada feriria a concepção do Estado laico. Na verdade, diz o editorial, quem acusa as igrejas de desrespeito das fronteiras entre igreja e Estado são aqueles que se ressentem de não terem conseguido o apoio dos setores cristãos organizados, cada vez mais participativo na arena pública (O Estado [...], 2022).

“Por que tantos ataques a algo que só faz bem”? A articulista defende a tese que a esquerda não tem compromisso com a ideia de que a família é a base da sociedade, adeptos do liberalismo são mais sensíveis ao fato que a família precede ao Estado. Ideologia que distorce a estrutura familiar. Ideias marxistas estariam referenciando parcela da sociedade brasileira na guerra cultural em curso (Cardoso, 2022).

“Um grito por respeito”. O articulista interpreta as manifestações de 7 de setembro como um grito a favor da Constituição e da liberdade e contra as ideologias de esquerda. Alerta sobre as ameaças socialistas e comunistas que estariam corroendo o tecido social brasileiro. Mas a manifestação cívica, segundo ele, foi uma resposta forte de repúdio a esses valores exógenos à independência da República. As manifestações afirmaram os símbolos patrióticos, o respeito pelo modelo da família tradicional e a constatação de que Deus está acima de tudo e o Brasil acima de todos (Farias, 2022c).

“Bispo Macedo responde à pergunta: o senhor vai apoiar quem para presidente?”. O editorialista desmente o boato de que a IURD estaria com os pés nas duas canoas. Seja quem ganhe as eleições, a IURD comporia a base do governo. Para tanto, ressalta a resposta que o Bispo Macedo deu no perfil oficial dele no Instagram quando perguntado

⁸ A articulista Ana Carolina Cury é editora-executiva de jornalismo na Record TV.



a quem estava apoiando nas eleições para a Presidência da República. Lacônico, o líder máximo da IURD disse que continuaria com Bolsonaro. Segundo o editorial, a resistência do Bispo Macedo a um eventual retorno da esquerda ao poder se deve à incompatibilidade de valores (Bispo [...], 2022).

“Panfleto do PT tenta enganar eleitor evangélico?” O panfleto que a candidatura do Lula produziu para desfazer boatos junto ao eleitorado evangélico. A carta “É tempo de esperança, o Brasil tem jeito” foi respondida item por item. Os redatores do jornal Folha Universal distorceram o conteúdo da carta a fim de refutar a tentativa de aproximação (Panfleto [...], 2022).

“Nós vamos transexualizar o seu bebê”. O cartaz supostamente ameaçador esteve exposto no Centro de Referência das Juventudes, evento promovido sob a responsabilidade da Prefeitura de Belo Horizonte. A frase “Nós vamos transexualizar o seu bebê” foi descontextualizada para reforçar o argumento que estaria em curso o projeto da esquerda da ideologia de gênero. O editorial deixou suposto que o problema para a IURD tinha a ver com a denúncia dos expositores de que as religiões de matriz africanas sofrem violências no Brasil. Cunham um termo no mínimo curioso: “ódio do bem”. A guerra do “bem” contra o “mal” à IURD desloca-se sutilmente da esfera espiritual para a política (Nós [...], 2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elencamos na introdução três questões básicas com as quais nos ocupáramos ao longo da pesquisa. Tanto pelo manuseio dos dados empíricos quanto pelas leituras referentes a outras pesquisas em que o jornal Folha Universal, enquanto ator político, foi alvo de investigações, chegamos às seguintes respostas: a) articularam o discurso do ódio com o propósito de demonizar a candidatura do Lula à Presidência da República e justificar a adesão à candidatura do Bolsonaro como se as eleições fossem antes de tudo uma guerra espiritual; b) o uso hermenêutico de leituras bíblicas alegóricas se deve ao condicionamento dos sentidos aos interesses determinados pelo pragmatismo eleitoral; e por fim, c) nas eleições de 2022, a IURD demarcou, além da sua adesão à candidatura de Bolsonaro, a sua aversão à candidatura de Lula. Em suma, alegando supostos valores morais, os movimentos de aproximação de Bolsonaro e de afastamento de Lula seriam incontornáveis e decisivos para a cúpula da IURD.

Nossa hipótese foi confirmada: a IURD, além de manifestar publicamente o seu apoio à candidatura do Bolsonaro nas eleições de 2022, reiterou a sua adesão à onda reacionária (neoconservadora) no país. Não se tratou apenas de uma aliança em que, dado o contexto, eleitoralmente, agiu pragmaticamente. O braço político da IURD durante o período eleitoral ficou identificado pelo discurso de ódio, vocalizando *slogans* bolsonaristas supostamente patriotas e conservadores. Agregaram à estratégia do marketing da campanha oficial de Bolsonaro a retórica bibliopolítica.

Embora não tenha sido nosso propósito principal no projeto da pesquisa, este artigo figura como um estudo de caso das severas inflexões das estruturas democráticas



no Brasil no período entre 2016 e 2022. O referido refluxo democrático recente se contrapõe ao período da redemocratização brasileira em que o ponto alto e emblemático foi a promulgação da Constituição de 1988 que cabalmente pôs fim à ditadura militar. O alegado refluxo democrático levou-nos a conviver com símbolos e tradições que pareciam superados, no entanto, a tal onda neoconservadora, com forte adesão popular, figurava como ameaça real às estruturas democráticas. O presente artigo está situado nesse contexto objetivo de frequentes ameaças de rupturas e de novas composições políticas eleitorais em que setores evangélicos demonstraram força para influenciar os resultados dos pleitos.

Não fez parte do escopo desta pesquisa o procedimento metodológico em que se estabelece marcos comparativos para explorar melhor as especificidades do objeto de estudo. De fato, não nos ocorreu relações minimamente simétricas para cogitarmos outras igrejas evangélicas que dispõem de veículos de imprensa com tiragens semanal em que as cúpulas eclesásticas demarcam através de editoriais os seus comandos políticos-eleitorais. Portanto, preferimos aprofundar a pesquisa com o trabalho de monitoramento da Folha Universal cientes que não é possível generalizar os resultados aqui expostos para os demais grupos das igrejas evangélicas. Existem múltiplas assimetrias de ordem qualitativa, bem como de caráter quantitativo.

O quadro que elaboramos sobre a IURD nas campanhas presidenciais de 1989 até 2022 (nove pleitos eleitorais) demonstra que o grupo religioso busca as suas conveniências e adere às candidaturas pelo critério do pragmatismo político. O discurso pela moral sempre esteve presente, mas não chega a ser o vetor decisivo. A IURD realiza alianças eleitorais não apenas na condição de igreja, mas também como grupo político organizado em torno do Partido Republicanos, como grupo que dispõe de uma das maiores redes de comunicação do país, e por extensão, como grupo empresarial com significativo poder econômico. Com esse breve registro, quando dizemos que a IURD se movimenta eleitoralmente em cada pleito de forma pragmática, é necessário situarmos os alegados valores morais com os interesses e circunstâncias que circundam a igreja liderada pelo Bispo Macedo.

Analisar a retórica bibliopolítica (termo cunhado por Emory Elliot) emitida pelo jornal Folha Universal a partir do referencial teórico da retórica da intransigência (conceito desenvolvido por Albert Hirschman), pareceu-nos, em dados momentos da pesquisa, uma interpolação teórica desnecessária. O motivo dessa percepção se deveu ao amplo interesse que mantemos pelas referidas abordagens teóricas. A partir do momento em que começamos efetivamente a trabalhar com os dados empíricos, examinar os editoriais do jornal e situá-los com os movimentos eleitorais da IURD, as inflexões teóricas serviram de suporte e não obstáculos para que fizéssemos as análises. Enquanto a retórica bibliopolítica tem a ver com emissão da comunicação, os três tipos de retórica da intransigência enfatizam reações às tentativas de avanços sociais, políticos e civis. Demonstramos que a retórica bibliopolítica da IURD emitida pelo jornal Folha Universal durante o segundo semestre de 2022 no contexto do período eleitoral foi uma expressão da retórica da intransigência, reacionária.



No que tange ao estado da arte do tema proposto, optamos por uma abordagem que foi do geral ao específico. Esquemáticamente, três grupos de trabalhos acadêmicos que dão conta em perspectiva do objeto de pesquisa com o qual trabalhamos:

- a) moldura: o refluxo democrático no Brasil. De 2016 até as eleições de 2022, foram propagados discursos de ódio e ameaças aos direitos civis, sociais e políticos. Refluxo da democracia enquanto acentuadas ameaças aos direitos humanos (Almeida, 2018; Avritzer, 2020; Boito Junior, 2021; Casara, 2018; Lacerda, 2019; Miguel, 2018; Nicolau, 2020; Santos, 2017; Singer, 2021, 2022);
- b) figura de fundo: os estudos seminais sobre os evangélicos na política tendo como marco temporal a redemocratização brasileira na década de 1980. O fenômeno do crescimento das igrejas evangélicas no país coincidiu com o aumento da representação política e formação nas câmaras legislativas das chamadas bancadas evangélicas. Nesse processo, a IURD figura com certo protagonismo tanto pelo aspecto religioso quanto pelo político (Figueredo Filho, 2010; Freston, 1993; Mariano, 1999; Oro, 2003; Oro; Corten; Dozon, 2003; Pierucci; Prandi, 1996)
- c) objeto central: pesquisas recentes sobre o jornal Folha Universal e sua manifesta retórica bibliopolítica. Constatamos que as pesquisas sobre a IURD tendo por fonte primária o jornal Folha Universal são ainda insipientes. Constam algumas poucas abordagens sobre análise de discurso a partir da Folha Universal. Tais registros são bem emblemáticos do feitio de pesquisa que realizamos para confecção deste artigo. Nesses trabalhos citados, enquanto uns fazem breves referências, outros conferem certa centralidade à Folha Universal enquanto objeto de pesquisa (Behs, 2009; Paula, 2022; Gonçalves, 2021; Nascimento, 2019; Oliveira; Martins, 2021; Spyer, 2020).

A contribuição original que oferecemos ao debate deste tema consiste no monitoramento realizado tendo por base o esquema das três teses Reativo-Reacionárias, conforme descrita por Hirschman (1992). Sem qualquer pretensão de estabelecer um sistema classificatório rígido, expomos o trabalho empírico em que os relatos dos editoriais do semanário não figuram apenas como narrativas dispersas, mas enquanto análises em que cada uma foi alocada como expressão de uma das teses Reativo-Reacionárias. O exposto foi suficiente para concluir que a retórica *bibliopolítica* tem mais a ver com política do que com Bíblia, mais a ver com pragmatismo eleitoral do que com moralismo, mais a ver com interesses do que com paixões, mais a ver teologia da prosperidade do que com o binarismo esquerda/direita. Enfim, a retórica bibliopolítica da IURD mediada pela linha editorial do semanário jornal Folha Universal expressa a retórica da intransigência nas suas três versões das teses Reativo-Reacionárias.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. *In*: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 27-32.
- AVRITZER, Leonardo. **Política e antipolítica**: a crise do governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2020.
- BEHS, Micael Vier. **Estratégias jornalísticas da Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições 2006/2008**: o caso da Folha Universal. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2642/MicaelBehsComunicacao.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 8 maio 2023.
- BISPO Macedo responde à pergunta: o senhor vai apoiar quem para presidente? **Folha Universal**, São Paulo, n. 1589, p. 3, 25 set./out. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/bispo-macedo-responde-a-pergunta-o-senhor-vai-apoiar-quem-para-presidente/>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- BOITO JUNIOR, Armando. O caminho brasileiro para o fascismo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 34, p. 1-23, e021009, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/CSKYLS49WkF4Zr7fnFJTMmm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2025.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Lei nº 13.165, de 29 de setembro de 2015**. Altera as leis nº 9.504, de 30 de setembro de 1997, 9.096, de 19 de setembro de 1995, e 4.737, de 15 de julho de 1965 – Código Eleitoral, para reduzir os custos das campanhas eleitorais, simplificar a administração dos partidos políticos e incentivar a participação feminina. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2015. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/leis-ordinarias/lei-no-13-165-de-29-de-setembro-de-2015> Acesso em: 7 jun. 2023.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Secretaria de Gestão da Informação e do Conhecimento. Coordenadoria de Jurisprudência e Legislação. Seção de Legislação. **Resolução nº 23.674, de 16 de dezembro de 2021**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2021. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/res/2021/resolucao-no-23-674-de-16-de-dezembro-de-2021>. Acesso em: 14 out. 2025.
- CARDOSO, Cinthia. Por que tantos ataques a algo que só faz bem? **Folha Universal**, São Paulo, n. 1587, p. 16-19, 11-17 set. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/por-que-tantos-ataques-a-algo-que-so-faz-bem/>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.



CASARA, Rubens Roberto Rebello. **Estado pós-democrático**: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CURY, Ana Carolina. Os ideais feministas estão ameaçados? **Folha Universal**, São Paulo, n. 1560, p. 3, 11-17 dez. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/os-ideais-feministas-estao-ameacados/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ELLIOT, Emory. Religião, identidade e expressão na cultura americana: motivo e significado. In: SACHS, Viola. **Brasil e EUA**: religião e identidade nacional. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 113-139.

ESCOLHA: o poder do eleitor. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1594, p. 3, 30 out./nov. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/escolha-o-poder-do-eleitor/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

FARIAS, Denis. Alguém ainda acredita em pesquisa eleitoral? **Folha Universal**, São Paulo, n. 1592, p. 3, 16-22 out. 2022a. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/alguem-ainda-acredita-em-pesquisa-eleitoral/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

FARIAS, Denis. O arrependimento dos americanos com a esquerda. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1597, p. 3, 20-25 nov. 2022b. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-arrependimento-dos-americanos-com-a-esquerda/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

FARIAS, Denis. Um grito por respeito. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1588, p. 3, 18-24 set. 2022c. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/um-grito-por-respeito/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

FIGUEREDO FILHO, Valdemar. **Coronelismo eletrônico evangélico**. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

FOLHA Universal. Somos, desde 1992, o jornal impresso de maior circulação no país. [201-?]. Instagram: **@folhauniversal**. Bio do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/folhauniversal/>. Acesso em: 23 set. 2022.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/69813>. Acesso em: 13 ago. 2025.

GONÇALVES, Rafael Bruno. Discurso laico e discurso religioso em tempos de coronavírus: a pandemia segundo os jornais Mensageiro da Paz, Jornal Show da Fé e Folha Universal. **Revista Ciências Sociais e Religião**, Campinas, v. 23, p. 1-42, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/7179/717975898021/html/>. Acesso em: 2 maio 2023.



HIRSCHMAN, Albert O. **A retórica da intransigência**: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

KLAIBER, Laís. O novo congresso brasileiro. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1596, p. 11, 13-18 nov. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-novo-congresso-brasileiro/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LAMPERT, Vanessa. Perdeu, mané! **Folha Universal**, São Paulo, n. 1598, p. 3, 27 nov./dez. 2022.

MACEDO, Edir. Vinde, bendito de meu pai. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1585, p. 2, 28 ago./set. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/vinde-benditos-de-meu-pai-2/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MENTIRAS em cadeia nacional. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1587, p. 3, 11-17 set. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/mentiras-em-cadeia-nacional/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. *In*: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-26.

NASCIMENTO, Gilberto. **O reino**: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NÓS vamos transexualizar o seu bebê. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1590, p. 3, 2-8 out. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/nos-vamos-transexualizar-o-seu-bebe/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

O ESTADO é laico, o voto não. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1586, p. 3, 4-10 set. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-estado-e-laico-o-voto-nao/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

O QUE AS ELEIÇÕES em países vizinhos têm a ensinar? **Folha Universal**, São Paulo, n. 1586, p. 10, 4-10 set. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-que-as-eleicoes-em-paises-vizinhos-tem-a-ensinar/>. Acesso em: 28 ago. 2025.



OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa; MARTINS, Cáo César Nogueira. O discurso eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus e a ascensão de Bolsonaro. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 237-258, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/plural/article/view/176735/174224>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ORO, Ari Pedro. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 18, n. 53, p. 53-69, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/n7JKdMPyTKH7yBBFSgr6PhP/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2025.

ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (org.). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

OS DOIS brasis. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1596, p. 3, 13-18 nov. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/os-dois-brasis/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

PANFLETO do PT tenta enganar eleitor evangélico. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1589, p. 30-31, 25 set./1 out. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/panfleto-do-pt-tenta-enganar-eleitor-evangelico/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

PAULA, Tiago Franco de. **Deus acima de tudo: a atuação política da Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições presidenciais de 2018**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/42663/1/2021_TiagoFrancodePaula.pdf. Acesso em: 02 maio 2023.

PAULA, Tiago Franco de. Eleição entre o bem e o mal: uma análise comparada dos discursos da Igreja Universal do Reino de Deus e de Jair Bolsonaro sobre a moralidade pública nas eleições de 2018. **Revista Sacrilogens**, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilogens/article/view/37777/24941>. Acesso em: 2 maio 2023.

PERPLEXOS, mas não desanimados. **Folha Universal**, São Paulo, n. 1595, p. 3, 6-12 nov. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/perplexos-mas-nao-desanimados/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. **Opinião Pública**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 32-63, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8640991/8513>. Acesso em: 13 ago. 2025.



PRB passa a se chamar Republicanos. **Republicanos 10**, 7 maio 2019, 00:00. Atualizado em 10 de junho de 2020, 1:17. Disponível em: <https://republicanos10.org.br/historia/prb-passa-a-se-chamar-republicanos/>. Acesso em: 20 set. 2022.

PRIMEIRA eleição do PRB. **Republicanos 10**, Brasília, 29 out. 2006, 16:19. Atualizado em 3 de outubro de 2020, 15:17. Disponível em: <https://republicanos10.org.br/historia/primeira-eleicao-do-prb/>. Acesso em: 20 set. 2022.

QUEM é a verdadeira facção? **Folha Universal**, São Paulo, n. 1585, p. 3, 28 ago./3 set. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/quem-e-a-verdadeira-facao/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **A democracia impedida**: o Brasil no século XXI. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

SINGER, André. A reativação da direita no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 27, n. 3, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8668732/28152>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SINGER, André. Regime autocrático e viés fascista: um roteiro exploratório. **Lua Nova**, São Paulo, v. 116, p. 53-82, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/Zc3fR5TmzYFq8DSrZ4YdjBR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

TSE - TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Confira as principais datas do calendário eleitoral de 2022. **Tribunal Superior Eleitoral**, Brasília, 3 jan. 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Janeiro/confira-as-principais-datas-do-calendario-eleitoral-de-2022>. Acesso em: 19 set. 2022.

TSE - TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Fundo especial de financiamento de campanha (FEFC)**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2020. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2020/prestacao-de-contas/fundo-especial-de-financiamento-de-campanha-fefc>. Acesso em: 7 jun. 2023.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo "A retórica da intransigência na versão bibliopolítica: o discurso do jornal folha universal durante as eleições presidenciais de 2022".